## 15. Por que o Pai abandona o Filho?

Contemplando Cristo na sua Paixão, Cristo na Cruz, vemos que a desolação é uma solidão abandonada. Mas, graças à gratuidade misericordiosa de Deus, esta solidão abandonada revelou-se lugar de acolhimento da nossa solidão, da nossa desolação, como a dos pastores, como a de toda pessoa que encontrou Jesus no Evangelho e desde dois mil anos até nós hoje. É como se Deus, no Verbo encarnado, tivesse feito sua e orientado a nós a sede da corça que anseia pelos cursos d'água, aquela sede que o coração humano, quando está consciente, quando não está curvado sobre si mesmo, quando não curva a sua sede aos ídolos de toda espécie e natureza, sente voltada para Deus, *ad Deum.*

É o grande mistério revelado pelo Senhor crucificado quando grita: "Tenho sede!".
"Depois, sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse, para que se cumprisse a Escritura até o fim: 'Tenho sede!'. Estava ali um vaso cheio de vinagre. Fixando, então, uma esponja embebida de vinagre num ramo de hissopo, levaram-na à sua boca. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: 'Está consumado!'. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito" (Jo 19, 28-30).

Eis que esta sede, esta desolação de Cristo, não se extinguirá até o fim do mundo, porque é sede de comunhão com todos, sede de extinguir a sede de amor, de comunhão com Ele, com o Pai, de todo coração humano, até o último homem e a última mulher da história. Nenhuma droga, nenhuma inteligência artificial, nenhuma riqueza ou poder mundanos, nada extinguirá esta sede do homem senão o encontro com a sede de Cristo, que é a fonte de comunhão eterna com Deus.
A desolação de Cristo é uma fonte de comunhão oferecida sem retorno à nossa desolação e à de todos. Por isso, o Pai não preencheu a desolação do Filho crucificado. O "porquê" do abandono do Filho pelo Pai é a caridade de Deus que não volta atrás, é aquela sede de comunhão com cada ser humano desolado que não pode mais abandonar a humanidade e a história.

Na noite de 24 de dezembro passado, preparando-me para as Vigílias e para a Missa do Galo, chegou-me do escritório de uma prisão de alta segurança o scanner de uma breve carta de um detento com quem estou em contato há alguns anos. Ele me falava justamente da solidão que a vinda de Cristo consola:
"Nestes dias a solidão parece ter-se substituído à minha sombra. As velas que nestas semanas se acenderam parecem ter dado aquela luz que dissipou a sombra da solidão. Estas semanas de Advento prepararam-me para a alegria de Jesus que nasce hoje como então. O meu desejo para todos é que todos possam estar prontos para receber a alegria de Cristo e a paz que dá a todos".

Na Paixão segundo Marcos vemos que, depois da morte do Senhor, a mesma luz ilumina imediatamente o coração do centurião romano: "E o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo. O centurião, que se achava bem defronte d'Ele, vendo que havia expirado desse modo, disse: 'Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!'" (Mc 15,38-39).

Rasga-se o véu que ocultava aquilo que de mais sagrado Israel conservava, e o mistério transborda imediatamente para fora do povo eleito e invade o mundo pagão, um fluxo de luz e de verdade sem limites de tempo e de espaço, a tal ponto que alcançou também a nós.

É interessante confrontar a versão desta conversão e confissão do centurião no Evangelho de Marcos com aquela de Mateus: "O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, foram tomados de grande temor e disseram: 'De fato, este era filho de Deus!'" (Mt 27,54).
Em Mateus, a confissão é provocada mais por um temor; e um temor suscitado pelos acontecimentos exteriores, sísmicos, cósmicos. É o temor que sente o homem pagão, ou a criança, diante das forças e dos fenômenos que não consegue dominar e que não consegue racionalizar.
Em Marcos, ao contrário, o motivo da conversão e da confissão do centurião é somente Jesus Cristo. Marcos sublinha, antes de tudo, que o centurião está na presença de Jesus, na primeira fila, quase face a face com Ele. Devia vigiá-lo, tomar conta da execução do condenado, mantê-lo sob os olhos até a morte. Provavelmente, está montado em um cavalo, o que põe o seu rosto realmente à mesma altura daquele de Jesus. E situado melhor que Maria e João. E, enquanto está ali a olhá-lo, talvez sem particulares sentimentos, porque crucificações já tinha visto tantas, encontra-se, sem querer, assistindo ao momento crucial da história, ao acontecimento que é o coração do universo, ao momento que regenera a consistência de tudo, ao evento que faz novas todas as coisas. E é como se a conversão do centurião marcasse o início da regeneração da humanidade e do universo. Este centurião, de quem nem sequer conhecemos o nome, é o primeiro convertido pela morte na cruz do Filho de Deus!

Mas fixemo-nos por um momento no instante que o centurião viveu e que virou do avesso o seu coração e a sua vida.
"…vendo que havia expirado daquele modo…".
Eu vi exalarem o último respiro duas pessoas: meu pai e meu abade. O último respiro, a última expiração, isto é, aquela à qual não se segue uma inspiração, é como o símbolo da natureza da vida, da alma, que é um sopro recebido como dom e que, no fim, se restitui para que exale eternamente no amor de Deus que no-lo deu na origem, como a Adão. "Então o Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7). Sem o dom daquele sopro diretamente emitido por Deus, o homem não seria homem, teria permanecido, quando muito, uma bela estátua, daquelas que se fazem nas praias modelando a areia. Basta uma onda, um pouco de chuva, um sopro de vento, e tudo se dissolve. A criatura humana se torna eterna "por um sopro", literalmente.
Um sopro que parece nada, inconsistente, mas que, ao contrário, muda tudo, faz toda a diferença ontológica entre a poeira do solo e uma pessoa vivente.